

natural e com ele dialoga. Mas, aqui, não: *ideologia é a ideia da ideia.*

Eis o circuito fechado, a incapacidade para a transcendência.

Foi talvez por esta via que o inocente conceito que a princípio encontrámos se tornou violento e belicoso.

A ideologia seria pacífica se, ao desdobrar-se ou reflectir-se, a ideia que serve de sujeito se não esquecesse do carácter *ideal* da ideia que serve de objecto. O perigo está em que esta não seja tomada como ideia, mas como se fosse a própria realidade. Assim se introduz no campo da consciência um equívoco perturbador.

I

Elaboração Histórica do Conceito de Ideologia

1. Destutt de Tracy

Muito usada em França, nos fins do século XVIII, em ligação com o sistema de Condillac, a palavra «ideologia» serviu, antes de tudo, para designar a ciência que tem por objecto as ideias, em si mesmas e nas suas relações. Foi Destutt de Tracy quem mais contribuiu para este uso da palavra, cuja invenção lhe é atribuída por alguns autores¹.

Este conceito de ideologia parece ter-se extinguido depressa. Estava já nele, no entanto, embora mais em abstracto de que em concreto, mais logicamente do que historicamente, um anúncio de futuros caminhos, na medida em que fazia parte da Ideologia como ciência a investigação da origem das ideias.

2. Napoleão

Do puro campo da ciência, a «ideologia» passou ao terreno das realidades políticas, quando Napoleão entendeu que o adjec-

¹ Estão neste caso: Karl Mannheim (?) (*Ideologia y Utopía. Introducción a la sociología del conocimiento*; México, Fondo de Cultura Económica, 1941, pág. 63 n.) e Jacques J. Maquet (*Sociologie de la Connaissance. Sa structure et ses rapports avec la philosophie de la connaissance. Étude critique des systèmes de Karl Mannheim et de Pitirim A. Sorokin*; Lovaina, E. Nauwelaerts, 1949, pág. 24 n. 12), que se apoia em Barth, *Wahrheit und Ideologie*; Zurique (Menesse Verlag), 1945, págs. 15-35. Ver ainda: Joseph Schumpeter, *Ciencia y Ideología* in *El Trimestre Económico* (México), vol. XVII, n.º 1 (Janeiro-Março de 1950), pág. 4; idem, *History of the Economic Analysis*; Nova York (Oxford Univ. Press), 1954, pág. 35 n. 4. V. *Anexo Documental I*.

tivo «ideólogos» se ajustava a certa categoria de críticos do seu governo: aqueles que o condenavam a partir de um critério puramente ideal ².

Recebe assim a ideologia um sinal negativo. Na mentalidade geral, ela ficará vagueando como o idealismo insensato, ou a negação do espírito prático ³.

3. Marx e Engels

I. Dois dos filões assim abertos por volta de 1800 — a investigação da origem das ideias e a falta de sentido do real — irão ser explorados na fase significativa da história da palavra. Essa fase inicia-se com o Marxismo.

Conforme o claro resumo de Mannheim, Marx entendia por ideologia «o fenómeno do pensamento colectivo, que procede de acordo com interesses e situações sociais» ⁴. Talvez para nós a fórmula resulte ainda mais clara se dissermos: *fenómeno do pensamento colectivo que depende de interesses e situações sociais*.

Bem fácil é ver aqui a aplicação daquele princípio fundamental do Marxismo: «Não é a consciência dos homens que lhes

² Schumpeter, obras e lugares citados.

³ Seria necessário, num estudo completo do tema, fazer o que se pode chamar a pré-história do conceito de ideologia, ou seja: acompanhar, através da História da Cultura, as vicissitudes por que passou a atitude de espírito que se preocupa com o fenómeno sócio-cultural das ideologias.

Seria também necessário (nesse caso, que não é o nosso) traçar — o que é ainda mais importante — a formação da mentalidade ideológica antes de se ter formulado o problema da ideologia.

Para isto, e especialmente para o primeiro ponto, ler-se-ão com vantagem as obras citadas de Karl Mannheim e J. J. Maquet.

Nenhuma destas obras, no entanto, trata *ex professo* destes temas.

⁴ «El fenómeno del pensamiento colectivo, que procede de acuerdo con intereses y situaciones sociales» (*op. cit.*, pág. 110). O passo correspondente da ed. inglesa (*Ideology and Utopia*; Londres e Nova York, 1946) é: «The phenomenon of collective thinking, which proceeds according to interests and social and existential situations, Marx spoke of as ideology». (pág. 110).

determina a existência; pelo contrário: é a existência social que lhes determina a consciência» ⁵.

Esta atitude de Karl Marx nasce de um *humus* filosófico que, por detrás de Hegel e de Kant, já estava essencialmente constituído desde o Cartesianismo. Estamos em face de mais uma resposta ao problema da relação *Matéria-Espírito* ⁶. E não deixa de ser para notar que, ao mesmo tempo que opta pelo contacto imediato entre os dois domínios, Karl Marx introduz, na aparentemente tranquila relação, o antigo elemento perturbador. Para ele, efectivamente, a ideologia é um disfarce: veste intelectual em que se esconde um interesse de classe ⁷.

⁵ Marx, *A Contribution to the Critique of Political Economy* (Chicago, 1913), págs. 11-12; cit. por Mannheim, *op. cit.*, pág. 111; 112 da ed. inglesa. A mesma ideia se encontra, de resto, no Manifesto Comunista: «Será precisa uma perspicácia profunda para compreender que as ideias dos homens, as suas percepções concretas como as suas noções abstractas e, numa palavra, a sua consciência, se modificam com as condições da existência, com as relações sociais, com a vida social? Que nos mostra a história das ideias, senão que a produção intelectual se metamorfoseia com a produção material? As ideias dominantes de um tempo dado foram sempre as ideias da classe dominante». (Segundo a trad. de Andler cit. por Sorel, *Les Illusions du Progrès*, pág. 5).

É no entanto notável a interpretação dada por Sorel ao pensamento de Marx: «Quando Marx teve ocasião de falar da economia como de uma base em que repousam as ideologias, empregou termos (*Basis, Grundlage*) próprios para afastar a ideia de que essa base fosse activa». (*op. cit.*, pág. 4).

Sem poder estudar aqui este problema, limito-me a sugerir que a hesitação que porventura aflora em Marx terá derivado da crise por que passava — desde Kant — a noção de *causa*. (Cf. Hamed A. Rabie, *Lo Sciopevo, forma della Storia?*; Milão; A. Giuffrè; 1957, pág. 24). Posso ainda lembrar o texto de Engels: «Encontrou-se o modo de explicar a consciência dos homens pela sua vida, em lugar de explicar a sua vida pela sua consciência». (*Antidühring*, I Parte, cap. 1; cit. por Rodolfo Mandolfo, *Le Matérialisme Historique*; Paris, M. Giard & E. Brière, 1917).

⁶ Marx parece não ter distinguido a relação Matéria-Espírito, da relação Realismo-Idealismo, e nisso foi bem vítima do ambiente filosófico em que viveu. Para este problema, cf. Hamed Rabie, *op. cit.*, págs. 22-23, n. 2 da primeira e R. Aron, *Introducción a la Filosofía de la Historia*.

⁷ «O marxismo formula também a questão da ideologia como «tecido de mentiras», «mistificações», «ficcões», que ele procura pôr a claro. (...) Não aplica o labéu de «ideologia» a todo e qualquer tipo de pensamento. Só as camadas sociais que necessitam de disfarce e que, pela sua situação histórica e social, não podem nem devem perceber as correlações verdadeiras, como realmente se dão, só elas são fatalmente vítimas de essas enganosas experiências». (K. Mannheim, *op. cit.*, pág. 123).

O interesse não é a realidade: é a reacção de uma classe a realidade; é o produto (ou o ponto de intersecção) de um condicionalismo económico e de uma camada social (aliás determinada por esse condicionalismo, mas que, em certos aspectos, pode reagir contra ele).

É pois o *interesse* que desempenha aqui o papel que, ao longo da História do Pensamento, pertence às *paixões* da filosofia tradicional⁸, aos ídolos de Bacon⁹ e, de algum modo, ao próprio *diabrete* de Descartes. Note-se que, sendo o *interesse* alguma coisa de permanente e invencível, o seu papel deformante é bem mais grave que o das *paixões*.

Deste modo nos encontramos perante a seguinte situação.

Na medida em que é materialista, Marx vincula a ideia às condições económicas, e assim dá ao problema Matéria-Espírito uma resposta *realista*. Na medida, porém, em que é *idealista*, Marx dá ao mesmo problema uma resposta negativa.

Quer dizer: o Materialismo de Marx facilita-lhe a posição realista que quer assumir. Mas o Idealismo em que o seu pensamento radica condena-o a uma solução pessimista: para certa classe, em relação a certo objecto, o conhecimento é impossível.

II. Pode-se agora levantar uma dúvida ingénua: Não será contraditório, ou paradoxal, que seja precisamente o Marxismo a

⁸ Está muito ligada a Santo Agostinho a explicação do erro pelas *paixões*; no entanto, esta teoria não é especificamente agostiniana. Parece adequado a este ponto do nosso estudo o seguinte passo de J. B. Vico: «(...) Platão notou que, nessas assembleias [de Atenas], os espíritos dos indivíduos, apaixonados cada um por seu interesse, se reuniam na ideia não apaixonada da utilidade comum. Assim foi preparada a verdadeiramente divina definição de lei que Aristóteles nos legou: *vontade isenta de paixão*.» (apud Michelet, *Oeuvres choisies de Vico*; cit. por Sorel, *op. cit.*, pág. 105, n. da anterior). Aqui se pode encontrar, como se vê, não apenas a teoria da *paixão*, mas a própria teoria do interesse como causa de erro. Cf. Maquet, *op. cit.*, pág. 23.

⁹ V. os textos de F. B. no Anexo III. Das quatro categorias de *ídolos* a que Bacon se refere, é particularmente interessante, pela aparente aproximação com o Marxismo, o ídolo do *forum*; mas é fácil de ver que a preocupação de Bacon se dirigia primordialmente à linguagem. Cf. Mannheim, *op. cit.*, pág. 55, nn. 3 e 4 (55, nn. 1 e 2 da ed. ingl.); Luis Recasens Siches, *Lecciones de Sociología*, México, págs. 631-2; Maquet, *op. cit.*, pág. 24.

acusar a ideologia burguesa de ter, no fim de contas, um fundamento económico? Parece que isso devia ser, para o Marxismo, motivo de louvor...

Esta dúvida, que é claramente um falso problema, pode servir de ocasião de esclarecimentos complementares, alguns dos quais ficarão apenas com a forma de novo problema.

a) O mal não está em que a ideologia seja determinada pela condição social: está, sim, nessa mesma condição social. E tem ainda outra raiz: é que os ideólogos não vejam que a sua ideologia está a ser determinada pela sua condição social — e já aí temos um erro —, e que, por conseguinte, se julguem definidores ou pelo menos portadores de um pensamento universalmente válido — e aqui temos novo erro¹⁰.

b) *Ideologia* é máscara — diz o Marxismo. Mas o mal fundamental da ideologia está em ser máscara? Ou está em que a usem como máscara? Ou está naqueles que se mascaram com ela? Noutros termos: o que é censurável é a ideologia, ou é o uso que dela se faz?

Quando Engels escreve: «o facto de que as condições de existência material dos homens em cujo cérebro se produz o processo ideológico determinem, em última análise, o curso desse processo, permanece inteiramente ignorado por eles; se assim não fosse, qualquer ideologia acabaria»¹¹, quer ele dizer que a matéria, o conteúdo da ideologia se extinguiria, ou que à mesma coisa deixaria de convir a mesma categoria mental?

c) Será verdade que, para o Marxismo, todas as ideias têm raiz económica?

¹⁰ Não disponho de nenhum texto de Marx ou de Engels em que este pensamento esteja expresso. Implícito, porém, está, por exemplo, neste trecho do último: «Por se tratar de um processo intelectual, ele [«o pretensão pensador»] descobre-lhe o conteúdo e a forma de pensamento puro, quer se trate do seu próprio pensamento, quer do dos seus predecessores; trabalha somente com a documentação intelectual, a qual, sem a olhar de perto e sem a estudar dentro de um processo mais distante e independente do pensamento, ele julga emanada do pensamento».

¹¹ Ludwig Feuerbach, cit. por Lalande, *Vocabulaire Philosophique*, pág. 459 da 7.^a ed.

Ao lermos «(...) é sempre na estrutura económica que se deve procurar a base real que em última análise permite explicar toda a superestrutura de instituições políticas e jurídicas, assim como a ideologia religiosa e política de qualquer período histórico»¹², é-se levado a pensar que assim é. Resta, no entanto, saber se essa lei é específica das ideologias — que é afinal do que trata o texto que acabo de referir — ou se estende a todas as ideias. A afirmação de Engels de que o pensamento é produto do cérebro¹³ não pode servir de resposta, porque o materialismo que aí se revela não é o materialismo económico.

Ora, por outro lado, foi o próprio Engels que admitiu que nem todas as causas são económicas: «Não é verdade que a situação económica seja a única causa e a única activa, e que todos os outros fenómenos não tenham senão efeito passivo.»¹⁴

¹² Engels, *Antidühring*, I.ª Parte, cap. I; cit. por Rodolfo Mandolfo, *op. cit.*, pág. 318.

¹³ «(...) a consciência e o pensamento são produtos do cérebro humano (...)» (*Antidühring*, pág. 21 da trad. it., cit. por R. Mandolfo, *op. cit.*, pág. 9).

¹⁴ «Parece que, para os marxistas, a ideia, sob condição de não ser abstraída do conjunto da vida histórica e de não se tornar autónoma, poderia ser, também, mais do que superestrutura de relações económicas. «Não é verdade (etc.)» (Engels a Starkenburg, em 1894. Cit. por Merleau-Ponty [*Marxism and Philosophy*, in *Politics*, 4; Nova York, 1947, págs. 173-6]: 175). Este artigo de Merleau-Ponty é uma interpretação de Marx neste sentido. Cf. Koestler [Arthur Koestler, *The Intelligentsia*, in *Horizon*; Londres, Março de 1944, págs. 162-176]: 165.» (Maquet, *op. cit.*, pág. 57 n. 49).

Esta hipótese pode ser fundamentada nos textos seguintes:

«Mais que qualquer outro, o socialismo comunista alemão saiu de hipóteses teóricas; nós, os Alemães, conhecemos extremamente pouco o mundo real». (Engels, prefácio da sua obra *Die Lage des arbeitenden Klasse in England*; 1845; já concluída em 1844; cit. por E. Dolléans, *Histoire du Mouvement Ouvrier*, pág. 200); «Sem a filosofia alemã, que o precedeu, e principalmente sem a filosofia de Hegel, jamais teria sido criado o socialismo científico alemão, o único socialismo científico que existiu». (Engels, no prólogo do opúsculo *Der deutsche Bauernkrieg*; cit. por Lenine, *Que Fazer?*, ed. parcelar na antologia: V. I. Lenine, *Marx, Engels, Marxismo*; Moscovo, Ediciones en Lenguas Extranjeras, 1948, pág. 122); — «Assim como o socialismo teórico alemão nunca esquecerá que se sustém sobre os ombros de Saint-Simon, Fourier e Owen — três pensadores que, apesar do carácter fantástico e de todo o utopismo das suas doutrinas, estão entre os maiores espíritos de todos os tempos e se anteciparam genialmente a um sem-número de verdades cuja exactidão agora estamos a demonstrar de modo científico (...).» (Engels, *op. cit.*; *apud* Lenine, *loc. cit.*, pág. 123).

Embora esta afirmação se encontre cercada, dentro do Marxismo, de um ambiente que lhe é acentuadamente hostil, parece perfeitamente legítimo tomar nota dela e utilizá-la. Se, pois, nem todas as causas são de natureza económica, é pelo menos admissível que nem todas as ideias tenham uma raiz económica. O facto, portanto, de uma ideologia ter raiz económica pode não revelar, digamos, normalidade.

d) A atitude de Marx e Engels perante a burguesia não consiste numa pura e simples condenação. Mais ainda: a condenação da burguesia pelo Marxismo inclui ou pressupõe um elogio.

Marx e Engels não ignoram nem ocultam que a burguesia desempenhou na História uma função semelhante à que eles preconizam para o proletariado: o papel da burguesia foi essencialmente revolucionário¹⁵.

O que na burguesia merece condenação não é o papel que

¹⁵ «A Burguesia desempenhou na História um papel essencialmente revolucionário». (*Manifesto Comunista*; cit. por A. de Labriola, *Essai sur la conception matérialiste de l'Histoire*, Paris, 1902; pág. 322). V. os textos de um político de origem marxista, Mussolini: «... essa primeira fase do capitalismo (a que eu já chamei fase dinâmica e até heróica)...» (in *Éd. Défin. des Oeuvres et Discours de B. M.*, t. X 15); «O Fascismo, que começou por ser um fenómeno puramente italiano, tornou-se, desde 1929, um fenómeno mundial. Mas há que distinguir o ponto de vista negativo, e o ponto de vista prático. O ponto de vista negativo é a liquidação de todas as teorias doutrinais do passado, e a supressão de todos os adversários do Fascismo; o ponto de vista prático é o da reconstrução. Só nos interessam aqueles que aceitam este ponto de vista, ou seja, aqueles que, depois de terem demolido, são capazes de reconstruir. Quanto ao lado negativo do fenómeno, basta olhar à nossa volta para nos convenceremos de que as doutrinas do último século estão realmente abolidas. Elas deram o que lhes era possível dar. Admitamos, uma vez por todas, que tiveram um período de fecundidade e de grandeza. Esse período, porém, acabou. Aqueles que queriam fazer parar a evolução natural da história, contrariar-lhe o impulso ou ir ao arripio da corrente, foram derrubados.

«As energias políticas do último século — democracia, socialismo, liberalismo, franco-maçonaria — estão esgotadas. Que elas já não seduzam as novas gerações, é disso a prova evidente» (*ed. citada*, X, 30-1); e o de Lenine: «A princípio, o socialismo lutava pela própria existência, e contra ele aparecia uma burguesia cheia de fé nas suas forças, que defendia, com coragem e coerência, o liberalismo como sistema harmónico de conceitos económicos e políticos». (*O Reformismo no seio da Social-Democracia russa*, *ed. cit.*, pág. 273).

desempenhou na evolução humana: é que esse papel já tenha sido desempenhado ¹⁶.

Marx bem sabe que é burguês ¹⁷. Nem os seus discípulos procuram iludir-se a este respeito ¹⁸. Para o fundador do «Socialismo Científico» era provavelmente um título de glória esse vínculo hereditário que o prendia à classe social que acabava de fazer na História tão excelente figura. Mas maior título de glória era ainda, para Marx, ter-se sabido adiantar à sua própria classe, e ter logrado anunciar ao proletariado ascendente a missão que a História Hegeliana lhe tinha atribuído. Essa missão é, no fundo, a mesma que os avós de Marx tinham cumprido: transformar revo-

¹⁶ Compare-se com o seguinte trecho de Renan: «Por nós, reconheceremos tudo o que quiserem, que o Cristianismo foi belo, amável, benéfico... mas, em nome do Céu! que ele se considere bem morto!». (*Fragments intimes et romanesques*, págs. 46-7; cit. por L. Franca, *Psicologia da Fé*, 222).

A crítica a esta mentalidade dominada pelo Kairos está representada, entre nós, por: Eduardo Lourenço, *Heterodoxia* (cap. II). V. Anexo IV.

¹⁷ Era por isso que se mantinha discretamente nos bastidores dos Congressos operários (v. Dolléans, *op. cit.*, I, págs. 287, 289, 291).

Raymond Aron afirma mesmo que, de um modo geral: «Os ideólogos do proletariado são burgueses. A burguesia, quer invocasse Montesquieu, quer Voltaire, quer Jean-Jacques Rousseau, opunha legitimamente ao Antigo Regime, à visão católica do mundo, a sua própria ideia da existência dos homens neste mundo, e da ordem política. O proletariado nunca teve uma concepção do mundo oposta à da burguesia. Houve uma ideologia do que devia ser ou fazer o proletariado, ideologia cuja influência («emprise») histórica era tanto maior quanto menor era o número dos operários da indústria». (*L' Opium des Intellectuels*, pág. 320). Cf. ainda: J. Schumpeter, *Ciência e Ideologia*, pág. 15.

¹⁸ Chamam-lhe, em vida, o *Dr. Marx*, o *cidadão Marx*; são-lhe gratos por se recusar a tomar parte nos seus Congressos (v. Dolléans, *op. cit.*, pág. 291). São também oportunos os trechos seguintes: «Mas o portador da ciência não é o proletariado; é a intelectualidade burguesa: foi do cérebro de alguns membros isolados de esta camada que surgiu o socialismo moderno, e foram eles que o transmitiram aos proletários que se destacavam pelo desenvolvimento intelectual (...) De modo que a consciência socialista é algo que, vindo de fora, se introduz na luta de classes do proletariado; não, algo que surgiu espontaneamente de essa luta.» (Kautsky, in *Neue Zeit* de 1901-2, XX, I, n.º 3, pág. 79; cit. por Lenine, *Que Fazer?*, ed. cit., pág. 136); «Pelo que diz respeito às doutrinas socialistas, são elas fundadas nas teorias filosóficas, históricas e económicas elaboradas por certos elementos cultos das classes possuidoras, ou seja, pelos intelectuais. Pela condição social, os fundadores do socialismo científico contemporâneo, Marx e Engels, eram intelectuais burgueses.» (Lenine, *Que Fazer?*, cit. por Selig Perlman, *Teoria e Prática dell' Azione Sindacale*, pág. 10, n. 1; este texto não vem incluído na cit. ed. de Moscovo).

lucionariamente a sociedade; introduzir na História um novo progresso. Assim, Marx exerce neste mundo uma função muito especial: é ele que abre o testamento da burguesia moribunda, que não quer deixar a vida sem transmitir ao Proletariado, seu filho, o facho do Progresso e da Revolução ¹⁹.

Nesta visão dramática da História cabe pois um papel essencial ao Tempo (e é nisso que o Marxismo tanto se aproxima

¹⁹ Para tudo isto, cf.: Sorel, *Les Illusions du Progrès, passim*; (Manheim é pouco explícito); Lenine: «(...) o comunismo procede do capitalismo; desenrola-se, historicamente, a partir do capitalismo; resulta da acção de uma força social gerada pelo capitalismo» (*O Estado e a Revolução*, ed. parcelar, loc. cit., pág. 358); «O capitalismo dos monopólios do Estado é a preparação material mais completa do socialismo, a antecâmara do socialismo...» (*Oeuvres Complètes*, t. XXI, pág. 228; cit. por Dolléans, *op. cit.*, II, pág. 254); «O capitalismo é um fenómeno progressivo, porque destrói os velhos métodos de produção e desenvolve as forças produtivas; mas, ao mesmo tempo, quando chega a certo grau de desenvolvimento, começa a refrear o incremento das forças produtivas. (...) O capitalismo cria o seu próprio coveiro, cria os elementos do novo regime (...)» (*As divergências no movimento operário Europeu*; ed. cit., págs. 262-3); «Na realidade, a vida mostra-nos a cada passo os vestígios do velho no novo, tanto na natureza como na sociedade. E Marx não transplantou caprichosamente para o comunismo um pedacito de Direito «burguês», mas foi buscar aquilo que é económica e politicamente inevitável numa sociedade que brota das entranhas do capitalismo». (*O Estado e a Revolução*; ed. cit., pág. 372); «A democracia tem enorme importância na luta que a classe operária sustenta contra os capitalistas pela sua libertação. Mas a democracia não é de modo algum um limite insuperável, mas apenas uma das jornadas da marcha do feudalismo para o capitalismo e do capitalismo para o comunismo». (*ibidem*, pág. 373); e, afinal, o próprio Marx: «Pelo que me diz respeito, não me pertence o mérito de ter descoberto a existência das classes na sociedade moderna, nem o de ter descoberto a luta entre elas. Muito antes de mim já alguns historiadores burgueses tinham exposto o desenvolvimento histórico desta luta de classes e alguns economistas burgueses a anatomia económica das classes». (*Carta a Weydemeyer*, de 5 de Março de 1852, publicada parcialmente por Mehering na revista *Neue Zeit*, vol. XXV, n.º 2, pág. 164, donde passou para Lenine, *O Estado e a Revolução*, ed. cit., pág. 354); «(...) é lícito falar do «Estado actual» por oposição ao do futuro, no qual a sociedade burguesa, sua raiz de hoje, se extinguirá». (*Carta a Bracke*, de 5 de Maio de 1875, conhecida por «crítica do programa de Gotha», publicada em 1891 na *Neue Zeit*, IX, 1, donde a citou Lenine, loc. cit., pág. 358); «Do que aqui «no exame do Partido Operário» se trata não é de uma sociedade comunista desenvolvida a partir de si mesma, mas de uma sociedade que acaba de sair precisamente da sociedade capitalista e que, por conseguinte, apresenta ainda em todos os seus aspectos, no económico, no moral e no intelectual, o selo da velha sociedade de cujas entranhas procede». (*ibidem*, ed. cit., pág. 365); «(...) a primeira fase da sociedade comunista, tal como nasce da sociedade capitalista, após as longas dores do parto (...)» (*ibidem*, ed. cit., pág. 367).

formalmente do Cristianismo, do qual, *materialmente*, tanto se afasta) ²⁰.

Cada coisa tem a sua hora. A hora da Burguesia passou. Chegou a vez de outra camada social. E, como essa nova camada social é, por hipótese, a última, a sua hora nunca mais terá fim, enquanto o mundo for mundo... ²¹

A ideia que a Burguesia faz de si própria já não tem sentido; já não tem futuro. É uma ideia que ficou a vaguear como fantasma, depois que a vida a deixou de realizar.

Em contrapartida, a ideia que Marx ensinou ao Proletariado é a ideia do futuro. O Marxismo é a doutrina definitiva, porque se ajusta como uma luva a um porvir que vem para ficar ²². Marx

²⁰ Sobre este ponto, v., por exemplo, N. Berdiaeff, *Le Sens de l'Histoire*; J. Daniélou S. J., *Essai sur le mystère de l'Histoire*; e ainda: Goetz Briefs, *Entre Capitalismo y Sindicalismo*: «Há-de-se perguntar pela origem deste exaltado optimismo acerca do homem e da sociedade, de esta arreigada crença na perfectibilidade do homem e no processo que leva à emancipação da humanidade. Essa origem encontra-se na transcrição da Teologia cristã da Redenção, para o plano secular.

«(...) Não há um só caso de Filosofia secularizada da sociedade, nos tempos modernos, que tenha podido passar por cima das categorias de queda e redenção: (...) Mas a filosofia marxista da sociedade é uma daquelas que mais estreita analogia guardam com a Teologia judaico-cristã, e num grau tal, que bem merece o apelativo de *teologúmeno*. (...) o tema do homem e da sociedade humana que, partindo da sua «alienação», hão-de alcançar definitivamente, nesta vida, a redenção e a liberdade. (...) Até programas de grupos políticos e sociais que parecem seguir um plano racional encerram, no entanto, elementos obscuramente irracionais, procedentes, na maioria, da marca categorial do pensamento secularizante. Não é também necessário dizer que uma boa parte dos antagonismos e frustrações de que padece a nossa época têm fundamento na natureza ilusória de esperanças nascidas quando a teologia da redenção se transplanta para a esfera do espaço e do tempo, estranha a esta teologia». (págs. 30, 31, 32).

²¹ Cf. Lenine, *O Est. e a Revol.*, pág. 364: «Finalmente, só o comunismo suprime em absoluto a necessidade do Estado, pois que, sob o comunismo, não há ninguém a quem reprimir; «ninguém» no sentido de *classe*, no sentido de uma luta sistemática contra determinada parcela da população. Nós não somos utopistas e não negamos de modo algum que é possível e inevitável que *alguns indivíduos* cometam excessos, como também não negamos a necessidade de reprimir *esses* excessos».

²² Para este aspecto do Marxismo, v., além dos textos citados, especialmente o livro de Mannheim. Note-se, apesar de tudo, que seria falsear o pensamento de Marx (como o de Engels e o de Lenine) atribuir-lhe o preciso carácter de «dogma».

«A nossa doutrina — disse Engels em seu nome e no do seu ilustre amigo — não é um dogma, mas um guia para a acção». (Lenine, *Acerca de algumas particularidades do desenvolvimento histórico do Marxismo*; ed. cit., pág. 276).

e o proletariado seu pupilo fizeram aliança com o Tempo: o velho Kairos da mitologia deu-lhes a mão e prometeu-lhes uma espécie de eternidade ²³.

A ideia que não está garantida pelo Kairos é ideologia. A ideia garantida pelo Kairos não é ideologia.

e) Que faz a classe burguesa com a sua ideologia? O Marxismo responde: serve-se dela. Quer dizer: em vez de lhe dar vida, procura que ela a conserve na vida, vida que incessantemente lhe escapa. Corpo minado por doença mortal, a burguesia sente a necessidade de uma veste colorida e rica, que esconda aos olhos dos outros a sua triste decadência. Enquanto a nova personagem

«Precisamente porque o marxismo não é um dogma morto, não é uma doutrina acabada, preparada, inútil, mas um guia vivo para a acção, precisamente por isso não podia deixar de reflectir em si a mudança assombrosamente brusca das condições da vida social». (Lenine, *ibidem*, ed. cit., págs. 270-1).

«O que agora é preciso é assimilar a verdade indiscutível de que um marxista deve ter em conta a vida real, os factos exactos da realidade, e não continuar aferrado à teoria de ontem, a qual, como qualquer teoria, na melhor das hipóteses só traça o fundamental, o genérico, só abarca de modo aproximado a complexidade da vida.» (Lenine, *Cartas sobre tática*, I.^a, ed. cit., pág. 348).

²³ «Na mitologia grega, Kairos é o deus da oportunidade, o génio do momento decisivo. A interpretação cristianizada dessa palavra é exposta sob a forma seguinte na obra de Tillick, *The Religious Situation*, trad. por H. R. Niebuhr, Nova York, 1932, págs. 138-139: «Kairos é o tempo que se cumpriu, é o momento do tempo invadido pela eternidade; mas Kairos não é o completo nem o perfeito no tempo.» (Mannheim, *op. cit.*, pág. 198 n. 24). Para o papel desempenhado pela noção de Kairos na visão cristã (e especialmente agostiniana) do Judaísmo e da raiz judaica do Cristianismo, cf. Daniélou, *op. cit.*. Considerar ainda os seguintes textos: 1) «Cada geração tem sua «exigência da hora», exigência própria, que nunca volta.» (Max Scheler, *L'Idée de Paix et le Pacifisme*, pág. 140).

(A este trecho apõe o Trad. francês a seguinte nota: «A mesma ideia vem expressa em *Der Formalismus*, pág. 513, onde este *Forderung der Stunde* (Goethe) se encontra classificado entre as «categorias essenciais da Ética», visto que é pela perspicácia que a seu respeito se manifesta que se ganha a evidência daquilo que em si mesmo existe [«de ce qui est bien en soi»]. E esta atenção às «exigências da hora» faz também parte do retrato do homem de Estado tal como se encontra em *Le Saint*, págs. 178 e sgs. (...);

2) «A bravura não esclarecida, que não faz senão gritar «acção» e mais «acção» (com meios insuficientes) e que despreza o Logos; e a pusilanimidade que sabe muitas coisas e no entanto esquece o essencial e o «Kairos» — eis os perigos específicos a que hoje estamos sujeitos». — (Max Scheler, *op. cit.*, págs. 141-2).

a não expulsa totalmente da cena, no teatro do mundo vai-se espalhando o cheiro a podre. A ideologia é então como um piedoso perfume ...

Tudo isto é perfeitamente lógico, e penso que já está suficientemente documentado. Mas não deixa de se levantar uma dificuldade: é que Marx e Engels, no seu *Manifesto*, referem-se à burguesia como uma classe de gente cínica, a qual, para explorar o proletariado, nem sequer se dá ao trabalho de afivelar a máscara:

«Em toda a parte onde conquistou o poder, ela [a Burguesia] calcou aos pés as relações feudais, patriarcais e idílicas. Todos os laços multicolores que ligavam o homem feudal aos seus superiores naturais, quebrou-os ela sem piedade, e não deixou subsistir entre homem e homem outro bem que não fosse o frio interesse, o duro metal soante. Ela afogou o êxtase religioso, o entusiasmo cavaleiresco, o sentimentalismo do pequeno-burguês, nas águas geladas do cálculo egoísta. Fez da dignidade humana um simples valor de troca; substituiu às numerosas liberdades, tão dificilmente conquistadas, a única e implacável liberdade do comércio. Numa palavra, ela trocou uma exploração envolta em ilusões religiosas e políticas, por uma exploração aberta, directa, brutal e descarada.» (*Manifesto*, apud Labriola, op. cit., pág. 322).

São quase as expressões que usaria um tradicionalista!...²⁴ E só não estamos em plena confusão porque se trata, de algum modo, de um caso especial da situação da Burguesia: a posse do poder. Assim, pois, para o Marxismo, quando a classe burguesa conquista o poder, tira a máscara. E no entanto a dificuldade subsiste, pois que, ao condenar a ideologia burguesa, o Marxismo quer exactamente arrancar a máscara à classe que detém o poder. Talvez a explicação deste absurdo se possa encontrar, por extensão, no seguinte trecho de Sorel: «No Manifesto comunista, ele [Marx] não indica, em nada, de que maneira concebe o sistema jurídico do futuro; mas pode-se perguntar, a este propósito, como também a propósito de outras questões melindrosas (e designadamente das

²⁴ É interessante comparar este passo do *Manifesto* com o trecho de A. Herculano que se publica no Anexo IV.

que se referem à família e à pátria), se, neste famoso documento, Marx declarou todo o seu pensamento. Estou persuadido de que, por mais de uma vez, ele suprimiu qualquer explanação que pudesse ferir os comunistas entusiastas para quem escrevia, e o Sr. Andler observou (cf. Ch. Andler, *Commentaire du Manifeste communiste*, págs. 160-168) que foram estes que, manifestamente, impuseram a Marx a redacção do programa revolucionário que vem no fim do segundo capítulo do *Manifesto*» (in *Revue socialiste* de Maio de 1902, pág. 396, cit. por F. Rossignol, *La Pensée de G. Sorel*, ed. Bordas, pág. 32).

4. Sorel

a) Na história da palavra *ideologia*, o primeiro momento crítico é aquele em que, com Marx e Engels, a palavra deixa de ser inocente e passa a ser usada polêmicamente²⁵.

O segundo momento crítico dessa história é aquele em que a palavra, não perdendo o sentido polémico, passa a ser bivalente: há ideologias falsas e ideologias verdadeiras; há as ideologias *dos outros* e as *nossas* ideologias²⁶.

Esta transformação não se processa — tanto quanto me é lícito afirmá-lo — de um modo claro e consciente. Tudo parece levar à conclusão de que, no interior do Marxismo, a partir de certa altura, se esqueceu a condenação da ideologia, em que tanto pensamento se tinha consumido, e se passou insensivelmente a usar a palavra num sentido mais amplo e menos perverso.

²⁵ É interessante a observação de Mannheim: «A maioria das pessoas pensa que o termo «ideologia» está intimamente ligado com o Marxismo, e é esta ligação que em grande parte determina as reacções que essa palavra suscita». (op. cit., pág. 49).

²⁶ A primeira fase desta evolução está expressa de modo muito prático e sugestivo no seguinte trecho de Raymond Aron: «(...) estas distinções são equívocas, e as acusações de ideologia são tão frequentes como recíprocas; é como se, conforme uma expressão cómoda, ideologia fossem as ideias do adversário». (*Introducción a la Filosofía de la Historia*, pág. 496).

b) Foi provavelmente Georges Sorel o iniciador deste processo²⁷. O audacioso pensador sindicalista, servido por excelente cultura, compreende a necessidade da investigação genética da ideologia burguesa, e, deparando com o Cartesianismo, não hesita em chamar-lhe também «uma ideologia». O mesmo faz para com a filosofia política de Locke — «uma ideologia de importação»²⁸. E, em apontamento crítico a Proudhon, escreve: «(...) todas as ideologias são formações do espírito sobre as quais a vida das classes apenas exerce influência secundária»²⁹.

Eis pois quebrados os estreitos limites em que Marx e Engels encerravam a ideologia. O termo torna-se mais abstracto, e fica aberto o caminho a novas concepções³⁰.

c) Sorel não se limita a contribuir para a utilização mais larga da palavra ideologia: o que há nele de mais significativo é certamente o esforço, intencional ou não, para desvincular as ideologias de uma raiz puramente material ou económica: «Os laços que se podem assinalar entre a ideologia dominante e todos os seus pontos de apoio não podem ser completamente definidos, de modo que há, ao mesmo tempo, charlatanice e puerilidade em

²⁷ Não tendo feito nada que se pareça com uma investigação completa e sistemática da matéria, nas obras de Marx e de Engels, é claro que não estou habilitado a garantir que, em nenhum momento, nenhum deles tenha aplicado ao Marxismo a expressão *ideologia*. Há, no entanto, na própria condenação que fazem da ideologia burguesa, o suficiente para se poder afirmar que essa eventual e hipotética utilização da palavra estaria em contradição flagrante com o pensamento de ambos. Para confirmação deste modo de ver, cf. Mannheim, *op. cit.*, *passim*. É natural que se pergunte agora em que termos genéricos Marx e Engels se refeririam ao seu próprio pensamento. Podem-se citar os seguintes: *doutrina* (cf. Lenine, *Acerca de algumas particularidades do desenvolvimento histórico do Marxismo*, ed. de Moscovo cit., pág. 267); *teoria* (Marx em carta a Engels em 20-VII-1870; cit. por Dolléans, *op. cit.*, I, 357); *ideias* (Marx, prefácio da sua *Crítica da Economia Política*, cit. por Dolléans, *op. cit.* I, 203).

²⁸ Georges Sorel, *Les Illusions du Progrès*, respectivamente págs. 37 e 94 (entre outras). Note-se no entanto que Marx se referia à «ideologia da filosofia alemã» (prefácio à sua *Crítica da Economia Política*, *loc. cit.*), à qual aliás dedicou a sua obra *A Ideologia Alemã*.

²⁹ *ib.*, págs. 6-7, n. da 6.

³⁰ Se pretendêssemos fazer uma investigação sistemática desta matéria, seria indispensável procurar, na Literatura das últimas décadas do s. XIX e primeira década do actual, os traços de uma evolução que, em Sorel como logo em Lenine, não parece perfeitamente explicada.

falar de um determinismo histórico; o mais que se pode esperar é fazer projectar uma certa luz sobre os caminhos que o historiador há-de seguir se quiser procurar as origens das coisas»³¹.

Mais ainda: Sorel parece ser o primeiro a indicar que a ideologia de uma classe não é apenas dependente da situação dessa classe, mas que tem também relações múltiplas com as condições das outras classes³².

5. Lenine

A importância do papel desempenhado por Sorel não deve fazer-nos esquecer que é, contudo, Lenine o mais decidido introdutor do conceito bivalente de ideologia.

a) Como Sorel, Lenine dá ao termo ideologia uma extensão muito ampla: «(...) a classe operária alemã encontra-se fraccionada, se se pode usar esta expressão, em várias ideologias: uma parte dos operários está agrupada nos sindicatos católicos e monárquicos; outra, nos sindicatos de Hirsch-Duncker, fundados pelos admiradores burgueses do tradeunionismo inglês; uma terceira, nos sindicatos social-democratas»³³.

b) Com toda a nitidez, Lenine faz entrar o Marxismo na extensão do conceito de ideologia: «A ideologia social-democrática»³⁴; «a ideologia socialista»³⁵.

c) É fácil de ver o que esta atitude de Lenine significa para a história da palavra *ideologia*. Quando o Marxismo a si próprio

³¹ Sorel, *op. cit.*, pág. 9. A este respeito, é particularmente relevante a análise das raízes da ideologia burguesa do séc. XVIII (em França): *op. cit.*, págs. 89 e segs. V. *Anexo Documental I*.

³² *op. cit.*, pág. 9.

³³ *Que Fazer?*; *ed. cit.*, pág. 138.

³⁴ *ib.*, *ib.* Note-se que, nesta obra, escrita em 1901-2, Lenine ainda estava longe de cortar com a Social-Democracia alemã e de condenar a própria expressão *Social-Democracia* (v. a sua obra de 1917 — *As Tarefas do Proletariado na Nossa Revolução*, *ed. cit.*, págs. 341-5).

³⁵ *Que Fazer?*; *ed. cit.*, págs. 136 e 137.

se chama *ideologia*, é radical a transformação que se dá no sentido da palavra. Se, até aí (apesar do contributo de Sorel; mas Sorel é um independente, um franco-atirador; e não foi tão longe!); se, até aí, *ideologia* é disfarce, agora o próprio Marxismo a reabilita, não desdenhando adornar-se com ela. É um claro dilema que se define: ou bem o Socialismo «científico» caiu no mesmo pecado que a Burguesia; ou bem a ideologia deixou de ser *pecado*. Como Lenine (embora esteja sempre pronto para criticar os marxistas e para excomungar os «pseudo-marxistas») não tem senão palavras de louvor para o Marxismo de Marx e Engels, conclui-se que foi a ideologia que deixou de ser perversa.

Por outras palavras: se o Marxismo, sem se modificar, passou a ser ideologia, é porque foi esta que se modificou.

d) Que é então, para Lenine, uma ideologia?

I. Lenine assimila *ideologia* a *teoria, doutrina, elemento consciente* de um movimento social³⁶.

II. Para Lenine, é enorme a importância desse elemento consciente, da doutrina que encaminha a acção muito longe das vias da espontaneidade. A espontaneidade do movimento operário faz o jogo da Burguesia³⁷.

³⁶ Entre vários trechos, são talvez estes os mais significativos: «(...) tudo o que seja prostrar-se ante a espontaneidade do movimento operário, tudo o que seja rebaixar o papel do «elemento consciente», o papel da social-democracia, *equivale — em absoluto, independentemente da vontade de quem o faz — a fortalecer a influência da ideologia burguesa sobre os operários*. Todo aquele que fala de «sobrestimação da ideologia», de exageração do papel do elemento consciente, etc., imagina que o movimento operário puro pode, de per si, elaborar, e elaborará, uma *ideologia* independente, logo que os operários «arranquem a sua sorte das mãos dos dirigentes». Mas isto é um erro crasso». (*Que Fazer?*, ed. cit., pág. 134); «Sem teoria revolucionária, não pode haver, tampouco, movimento revolucionário» (*ib.*, ed. cit., pág. 121). Cf. Mussolini: «... não se deve depreciar demasiado a doutrina; porque a doutrina ilumina a experiência e a experiência confirma a doutrina». (*loc. cit.*, 14).

³⁷ (...) a consciência socialista das massas operárias — a única base que pode assegurar-nos o triunfo — (*ib.*, ed. cit., pág. 118); «(...) só um partido dirigido por uma teoria de vanguarda pode cumprir a missão de combatente de vanguarda», (*ib.*, ed. cit., pág. 122);

«Por isso, tudo o que seja rebaixar a ideologia socialista, tudo o que

III. A ideologia já não é, pois, filha de um interesse de classe; já não é o ponto de intersecção da realidade económica com uma camada social; já não é o discreto manto a cobrir uma nudez vergonhosa.

E no entanto Lenine não absolve a burguesia do pecado de disfarce: a Burguesia engana, ilude³⁸. E tudo leva a admitir que, ao conjunto desses enganamentos, desses disfarces que a Burguesia utiliza, Lenine continua a chamar a ideologia burguesa.

Foi portanto necessário um prévio esforço de abstracção intelectual para assim aplicar, a coisas tão distintas como o Burguesismo e o Socialismo, o mesmo termo. Lenine — seguindo aliás, Sorel — elevou pois a ideologia a um plano superior, depois de a ter aliviado da carga nefasta que a prendia à Burguesia. Desde agora, assim como há boas e más doutrinas, haverá também boas e más ideologias. O Marxismo consente em participar de um conceito contaminado pela lepra burguesa. Mas, em contra-partida, o processo dialéctico tornou-se agora mais fácil: ideologia contra ideologia. (Para serem contraditórias, a *tese* e a *antítese* devem ser da mesma espécie).

e) Não envolverá tudo isto, afinal de contas, uma determinada interpretação do Marxismo?

Há pelo menos três indícios favoráveis a esta hipótese:

seja afastar-se dela, equivale a fortalecer a ideologia burguesa. Fala-se de espontaneidade. Mas o desenrolar *espontâneo* do movimento operário leva precisamente à sua subordinação à ideologia burguesa, *leva precisamente pelo caminho do programa do «Credo»* (...) pois o movimento operário espontâneo é tradeunionismo, é «Nur-Gewerkschaftlerei», e o tradeunionismo implica precisamente a escravização ideológica dos operários pela burguesia. É por isto que a nossa tarefa, a tarefa da social-democracia, consiste em *combater a espontaneidade*, consiste em apartar o movimento operário de esta tendência espontânea do tradeunionismo a encobrir-se sob as asas da burguesia, e atraí-lo à social-democracia revolucionária», (*ib.*, ed. cit., pág. 137).

³⁸ «Contrariamente aos democratas pequeno-burgueses, Marx via em todas as reivindicações democráticas, sem excepção, não algo de absoluto, mas a manifestação histórica da luta das massas populares dirigidas pela burguesia contra o feudalismo. (Não há nenhuma de estas reivindicações que não possa servir e não haja servido, em certas circunstâncias, de instrumento de engano dos operários por parte da burguesia). (*A Revolução Socialista e o direito das Nações à autodeterminação*, ed. parcelar na cit. antologia, pág. 307).

I. O relevo que toma na obra de Lenine a interpretação de Marx e de Engels, o que pressupõe a concepção de uma ortodoxia. Ali, estão as *Escrituras*...

II. A preocupação constante de mostrar que entre os fundadores e ele próprio, Lenine, a coincidência é perfeita — o que revela a vontade de se conformar com a Ortodoxia em cuja existência acredita.

III. O próprio cuidado em acentuar o papel da doutrina no movimento operário. Decerto: a História Universal é construída pela heroicidade dos operários³⁹; mas é indispensável fornecer ao operariado uma doutrina que ele é totalmente incapaz de elaborar. O proletário morre nas barricadas. É preciso dizer-lhe por que ideal dá a vida: dizer-lhe por que morre — quem o mata — e para que morre⁴⁰. É este o papel da parcela culta e desinteressada da Burguesia: um papel semelhante ao que a Teologia cristã atribue ao Homem no meio das criaturas inconscientes. «Os Céus narram a glória de Deus». Mas é apenas um esboço de louvor, um esquema inerte que o Homem há-de tornar vivo. O operário, nas barricadas, constrói a História Hegeliana. Mas é apenas um esboço da construção futura. Entre esse tenteio e o Futuro, a Ideia será mediadora. É afinal a raiz idealista que aqui aflora. Hegel está bem no princípio do Marxismo. E porventura no seu termo.

³⁹ «Marx [recorda Lenine, e aplaude] põe *acima de tudo* que a classe operária *cria* a história mundial herôicamente, abnegadamente e com iniciativa». (Prefácio às *Cartas de Marx a Kugelmann*, ed. cit., pág. 189).

⁴⁰ Cf. Mannheim, *op. cit.*, cap. III §§ 2 e 4.

II

A Ideologia como Objecto de Estudo